

ECONOMIA POLÍTICA DO CIBERESPAÇO: a reinvenção do sujeito¹

Oziel Gheirart²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Na pós-modernidade, tornou-se crucial um olhar mais aprofundado para as políticas de subjetividade. No ciberespaço, apressadamente chamado de segunda vida, não apenas tivemos as fronteiras e as temporalidades desconfiguradas, mas também a superação de modelos sociais e, conseqüentemente, a própria condição do *self*. No mundo das imagens, um eclipse sobrepôs sujeito e objeto. Esse artigo pretende apontar como a lógica política econômica não dá conta desse cidadão fragmentado que circula nos fluxos de uma realidade global-midiática – um mundo que comporta tamanha complexidade, mas que sofre da ausência de políticas definidas e de garantias ao sujeito.

Palavras-chave

Ciberespaço, Consumo, Cultura, Economia política, Subjetividade

Para se compreender a história do homem, no pensamento ocidental, é fundamental considerar o surgimento das cidades, dos Estados e das Nações como verdadeiros marcos. O homem contemporâneo é caracterizado, em boa parte da literatura dita pós-moderna, como um sujeito que manifesta ojeriza da sua pré-história, da sua não civilidade, da idéia de que o mito era quem organizava a vida social. Tanto que parece uma parábola bíblica pensar, hoje, que o homem já teve visões tão antagônicas de várias facetas da existência da qual temos – o trabalho, por exemplo, antes de o capitalismo receber do estado moderno seus modelos de realização, era condição para o exercício da humanidade³. Da mesma forma inofensiva talvez quanto se ancorar, no livro de Gênesis, a explicação para o primeiro corte que fragmenta a cultura: da fracassada tentativa da Torre de Babel. Para Sloterdijk essa metafórica fragmentação bíblica significa mais do que uma ruptura ou apenas uma passagem de uma sociedade teocêntrica para uma antropocêntrica. Significa, também e fundamentalmente, o

¹ Esse artigo é resultado parcial da dissertação de mestrado do autor, com o devido recorte para apresentação ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, sob orientação da Profa. Dra. Rose Melo Rocha, defendida em março/2009

³ Ver DELEUZE, Giles. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. 112 p.

momento áureo da castração política da espécie, pois foi esse um fluxo gerado “como resultado da intervenção divina contra o poder da humanidade unida”⁴.

Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra. Então, desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam; e o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro.⁵

Deixemos a “ingenuidade” das parábolas de lado, já que ironicamente a religião é peça do aparelho do Estado. Hobbes⁶ já dizia que todo homem é um lobo para o seu semelhante. Essa relação animalesca predatória de seus iguais o insere em uma natureza constitutivamente pouco democrática, em que o mais forte domina o mais fraco, em que o mais formoso é prioritariamente quem acasala. Paradoxalmente, em um espelho invertido do processo de bipedização, os seres vivos sempre almejavam ao conforto do sedentarismo obtido a qualquer preço. Podemos extrair, a partir destas simples e fundamentais abordagens, formas de enfrentarmos a problemática do quão complexo seria a aceção de um projeto comum à humanidade. E, logo, encontramos justificativa para os tipos diferentes de formação econômico-social, apontando, sob a perspectiva de Deleuze⁷, a economia como um pensamento que parte de um Estado.

Deseja-se com esse pensamento ocidental fortalecer a idéia do homem como ser político, que teria sido protegido na sua diferença e amadurecido no Estado. Uma tática que coagiu esse aspirante-ingênuo *homo economicus*, que, já imerso na sociedade, nos seus parques temáticos políticos⁸, não pode viver de outra maneira o seu tempo. Um tempo coletivo no qual buscava compartilhar com seu semelhante esse bem estar, essa articulação necessária para permanecer em grupo, algo supostamente impossível em sua condição “natural”. No Estado, que por si é um contrato de caráter mercantil e político, nasceu o ator coadjuvante: o cidadão. Nesse lugar foi forjada esta pueril igualdade. Pois, na verdade, como disse Engels,

⁴ SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco*: ensaio sobre a hiperpolítica. São Paulo: Estação liberdade, 1999. 96 p.

⁵ GÊNESIS, 11:4-7.

⁶ GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel*: as concepções do estado em Marx, Engels, Lenin e Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 15 ed., 1998. 113 p.

⁷ DELEUZE, Giles. op. cit.

⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p 49.

o Estado é o resultado de um processo pelo qual a classe economicamente mais forte – isto é, a que detém os meios de produção decisivos nessa determinada sociedade – afirma todo o seu poder sobre a sociedade inteira; e estabelece também juridicamente esse poder, essa preponderância de caráter econômico⁹.

Todas as esferas da vida social foram atravessadas pela política e o sujeito apropriou-se dela. Nas palavras de Gramsci, que considerava a política como sinônimo de catarse, “[...] a verdadeira filosofia de cada pessoa está em sua maneira de agir, consiste mais em suas políticas do que em suas declarações teóricas”¹⁰. Era preciso domar o próprio lobo e o lobo do semelhante como estratégia de convivência pacífica e como possibilidade, intrinsecamente castradora, de se viver a diversidade dos modos de ser. Foi nesse espaço hegemônico, de acesso ao poder, que o marxismo e seus seguidores avistaram o sujeito, como parte constitutiva e fundamental do bloco histórico, formado pelas estruturas e superestruturas e tendo a ideologia como o seu cimento. Assim, o econômico seria também o político, e vice-versa. A economia não era a apenas matéria, mas também as formas de produzir e reproduzir relações que impulsionavam os sujeitos em ação. E a história seria, a partir deste cenário, construída refletindo e refratando o homem, que se relacionando em todas as esferas com seus semelhantes, se afirmaria como sujeito autônomo na vida social e para além dela.

Segundo essa lógica, a sociedade seria um eterno útero materno de cidadãos sempre prematuros. O homem permaneceu dentro desse útero por muitos séculos, com o parto sempre adiado de um bebê-adulto imaginário, até que um fluxo trazido pelo capitalismo monopolista de Estado incitou a bolsa a estourar. E o parto trouxe a dor, assim como o “novo nascimento”. Protegido pela mãe-civilidade, resguardado pela madrasta-política o homem veio infantilizado para um mundo industrializado e urbanizado, a ruir instante por instante, no salto para o próximo pedaço de chão firme que desabava no momento seguinte, como nas cenas de um filme de ação *hollywoodiano*. Posteriormente, todos os esforços para manter a velha ordem começam a ser derrubados pela voracidade do capitalismo da terceira fase¹¹. “O Estado é onde todos bebem veneno, os bons e os maus; onde todos se perdem a si mesmo, os bons e os maus; onde o lento suicídio de todos se chama vida”¹².

⁹ GRUPPI, op. cit., p. 36.

¹⁰ ALTHUSSER, Louis. *Análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1967. 220 p.

¹¹ Pensado a partir da concepção de Jameson, do capitalismo multinacional. Ver JAMESON, op. cit., 436 p.

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin-Claret, 2000. p. 52.

Na pós-modernidade o passado parece ser vivido como ficção, porque despenca junto com o instante que acaba de terminar. A consciência histórica ficaria armazenada externamente para deixar memória livre para o presente absoluto. Assim,

o passado deixou de ser uma pátria a que regressar numa simples operação de memória. Tornou-se um armazém sincrônico de enredos culturais, uma espécie de central de “casting temporal” a que recorrer apropriadamente, conforme o filme a realizar, a peça a encenar, os reféns a salvar.¹³

Hoje, parece também uma parábola a clássica concepção de Cultura, boa parte dela ainda constitucionalmente vigente, mas anulada na prática – desde que a cultura se aliou à economia política dos Estados e, o Estado, financiado pelas elites, passou a intervir com habilidade de esgrimista nos processos culturais hegemônicos. Foi o diagnóstico do médico que nem encostou no paciente, que afetou diretamente as memórias coletiva e nacional no mundo globalizado. Todas as nações lançaram seus cidadãos a um não lugar¹⁴ sob o mecenato dos meios de comunicação.

[...] a comunicação, assim como a imagem e o estilo, são simplesmente os elementos mais marcantes de uma cultura nascente, cultura que nada tem a ver com aquela que prevaleceu durante a modernidade, e que, sem muito barulho mas não sem efeitos, está revolucionando todo o estar junto pós-moderno.¹⁵

As culturas que resistiram são carregadas e seguradas por entre os dentes de verdadeiros homens-bomba ideológicos. Perdemos o controle nesta que seria a segunda Torre de Babel, tão imaterial quanto à primeira – e não temos mais a intervenção divina, porque agora o espetáculo é nosso novo mito. O sangue que jorra foi colorizado pelo *Photoshop*, para ter cor de sonho, para amenizar o mal estar. Somos habitantes locais e globais, ao mesmo tempo, de nações alucinógenas, com o tráfego cultural arquitetado por processos de comunicação. Nada parece ter mais domicílio fixo e os fluxos estão para além da geografia. Somos sujeitos globais, mundiais, universais ou de qual outra denominação? Tudo foi reconfigurado pelas forças erosivas transnacionais do mercado. As fronteiras dos países foram abertas e todos nós corremos como um animal doméstico que se perde nas ruas quando consegue escapar. E já não podemos voltar porque não podemos mais ver nem a nossa casa, tampouco os conglomerados invisíveis. Assim, os esforços para produzir a ordem são mais

¹³ APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Portugal: Teorema, 2004. p. 47.

¹⁴ AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994. 111 p.

¹⁵ MAFFESOLI, op. cit., p. 81.

ingênuos que as parábolas, são frágeis quanto a força dos Estados, sem alicerces, temendo um colapso numa fração de segundos, no esquema totalitário da vida.

Sem a mônada, somos agora subjetividades nômades – não daquelas que abandonam seu sedentarismo urbano para se nomandizar, mas que se perde como um esquizofrênico pelas ruas. Engatinhando assincronicamente por um mundo imaginário e em “comunidades sem sentido de lugar”¹⁶ de um invisível álbum de fotografias que a mídia nos deu .

“O Álbum” refere-se ao poder do relato e a seu efeito de organização sobre o visível e, ainda, ao estado de mobilização sensória advindo deste estado de ver por olhos de outrem, de uma dama que seleciona e descarta detalhes de imagens, que mostra sem deixar ver, que faz crer e duvidar, que captura e conduz olhares, criando o suspense e colocando em suspensão. A violência da interpretação é, literalmente, eclipsada pela sedução da narrativa. Metáfora também do imaginário, das imagens sobre imagens que promovem e recriam sentidos, fala, ainda, de uma vida limiar associada às imagens, aos esquecimentos e memórias¹⁷.

Não temos mais uma pátria e nem reagimos quando aquele velho político se gaba ao mostrar a ponte inaugurada com dinheiro superfaturado. Sabemos que o coletivo, tal qual o concebíamos outrora, está nos seus últimos momentos. Trabalhamos e não queremos mais saber ou nos responsabilizar pelo que produzimos: orquestramos a alienação porque nos sentimos diminuídos. Nesse mundo, cristão por excelência, o trabalho, como castigo, somente serve de sofrimento para um gozo mais intenso no fim do expediente. E do que adiantaria gritar, se foi a própria lógica do sistema quem apodreceu nossa língua? Porque “um alienado é também um homem que a sociedade se negou a ouvir e quis impedi-lo de dizer insuportáveis verdades”¹⁸.

Os produtos, como num ritual espírita, incorporam outras vidas depois que a mão humana os abandona. A economia os adota e os condiciona a uma existência tão efêmera quanto a de um inseto que voa em torno da lâmpada, neles alojando um desejo não percebido, uma necessidade de coisas não vividas, da vontade do acúmulo de sensações. Bauman já alertava, na década passada, falando sobre uma das dimensões da globalização, que “a cultura da sociedade do consumo envolve, sobretudo, o esquecimento, não o aprendizado”¹⁹. Somos viajantes, estrangeiros, colecionadores, detetives, vagabundos ou turistas do consumo²⁰? O

¹⁶ APPADURAI, op. cit.

¹⁷ ROCHA, Rose Melo. “A cartola da mídia: sacando imagens, materializando magias”. In: _____. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 24, 2003. p. 66.

¹⁸ ARTAUD, op. cit., p. 33.

¹⁹ BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 90.

²⁰ Referência às clássicas categorias benjaminianas e àquelas utilizadas por Bauman, em algumas de suas obras, para descrever as práticas e padrões de inserção social da contemporaneidade.

mundo transnacional é um grande supermercado que nos empurra para a ação com suas prateleiras engenhosamente diagramadas com elevadas doses de fetiche. Movimento no qual não saímos concretamente do lugar, apenas a nossa imaginação é ativada quando nos excitamos nas nossas pseudo-necessidades encadeadas, quando nos bajulam ao extremo no discurso repetitivo do sujeito-máquina-terceirizado. Somos reféns de um eterno retorno mercadológico e sempre com nossas efêmeras nostalgias, paramnésias²¹ e *dejá-vus* sem memórias. Sempre a nos despedir das imagens, como a última montanha da oitava elegia, de Rilke.

Quem nos desviou assim, para que tivéssemos um ar de despedida em tudo que fazemos? Como aquele que partindo se detém na última colina para contemplar o vale na distância – e ainda uma vez se volta, hesitante, e aguarda – assim, vivemos nós, numa incessante despedida.²²

A imaginação vulgarizada do individual e do coletivo, por meio de um conflito entre público e privado, virou o centro das nossas ações. As identidades também podem ser escolhidas no supermercado das (in)visibilidades, porque a imagem é a grande mercadoria da economia cultural. Ela também permite o ocultar e o revelar, o estocar e o trocar. Na ilusão da ausência do poder e do real, a troca simbólica é uma moeda flexível, livre da exatidão matemática. Foi nessa imaginação que despejamos nossas idéias de sujeito, de comunidade, de economia etc. Como um homem que perdeu seu braço, mas que, às vezes, ainda sente coçar a palma da mão. A autotelia²³ da fantasia nos impulsiona ao consumo da libertação.

Contudo, o espírito não tem classe, nem quando mercantilizado e maquinizado pela indústria da cultura que, ao mesmo tempo, faz o contrário: espiritualiza as mercadorias. O nosso presente é a nossa pátria fantasmagórica. Albert Camus já dizia que “os sonhos mudam com os homens, mas a realidade do mundo é nossa pátria comum”²⁴. Mas a nossa realidade se confunde todo o tempo, como alguém que verifica o telefone móvel quando sente o estômago roncar.

A comunicação eletrônica nos brinda com a vitória da ciência sobre a natureza e nos dá boas vindas ao mundo pós-nacional. Nação essa mantida pelos meios de comunicação, nos quais tudo se entrecruza e pode ser vivido à distância (comunidades de imaginação, bairros

²¹ A partir das concepções de André Parente, paramnésia é o passado que nunca foi presente. Ver em PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulim, 1999.

²² MARIA RILKE, Rainer. *Elegias de Duíno*. São Paulo: Globo, 2001. p. 79.

²³ Que não tem nem fim nem objetivo fora ou para além de si mesmo; p. ex: o jogo pelo jogo, a arte pela arte. Ver LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 119.

²⁴ CAMUS, op. cit., p. 45.

virtuais heterogêneos, amigos avatares etc.). O sentimento de pertencimento é acionado em uma conexão para as novas formas de coletivo, resultado da simbiose entre a mídia e as cidades. E estamos encantados por esse suporte que re-formata nossa alma e nos dá de brinde modelos de estilos globais de vida.

A significação precisa, fixada claramente, funcionalizada, tem sempre uma referência à realidade, aliás, mas do que possui o estereótipo: os valores psíquicos da fantasia, por exemplo, de “sensação” e de “agressão” que transmitem as imagens, os valores, os gestos e as poses já foram testados.²⁵

A cidade vai se transformando com a vertiginosa expansão das redes de comunicação, enquanto o sujeito pode construir, como em uma colagem, essa subjetividade montada através de infinitas re-combinações de modelos prontos, disponibilizados massivamente: “A mídia faz assim o elogio ostensivo de seu próprio poder fazendo crer que é o mesmo das próprias pessoas. Não pára de provocar o olho ávido dos telespectadores quando na verdade colhe nele todos os benefícios”²⁶.

O consumo da comunicação é a nova ordem mundial e tanto a economia quanto a política, já atentas às novas oportunidades, encontraram o poder com o seu apurado faro e travaram sua batalha de legitimidade. Quem tem o poder dos meios de comunicação pode, mais do que nunca, escrever o enredo da vida social. Pode também produzir sonhos e conformar subjetividades por meio de uma verdadeira economia política do desejo:

A transformação das subjetividades quotidianas através da comunicação eletrônica e da obra da imaginação não é apenas um fato cultural. Está profundamente ligada à política através dos novos modos com os vínculos, os interesses e as aspirações individuais cada vez mais intersectam os do Estado-nação.²⁷

A massa ainda é objetivo da indústria da cultura, da economia política da mídia. Não mais naquele sentido antigo, em que a nossa complexidade não era considerada e tudo era planejado de forma homogênea – algo impossível num universo em que nada é o bastante, no qual os fluxos sempre escapam e precisam ser controlados.

[...] poderíamos dizer que nossa época de comunicação de massa transforma a sociedade em um “público” (uma palavra-chave que substitui a de “povo”), que ela aloja a felicidade nos ícones dos objetos oferecidos ao consumo e que ele movimenta o verbo em direção à recusa (‘esconda-se objeto’). Associa a epifania do objeto-rei e a suspeita com relação a todo representado. Coordena do mesmo modo a linguagem da figuração e da carência. A relação

²⁵ PROKOP, Dieter. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. p. 168.

²⁶ JEUDY, op. cit., p. 27.

²⁷ APPADURAI, op. cit., p. 23.

entre as duas linguagens pressupõe a ambigüidade da felicidade. Sem sombra de dúvida, nisso ela já expõe, mas sem poder dizer onde esta se encontra.²⁸

É para uma infinidade de grupos diferentes que é promovido o seqüestro do pensamento e depois o seu aniquilamento em um terreno baldio imaterial. Uma massa heterogênea que, sem um projeto em comum, se deleita no prazer da sazonalidade forjada do médio patrocinado. A heterogeneidade está na fragmentação dos elementos culturais pré-fabricados para a superficialidade da vida. Consequentemente ocorre, nessa pós-nação, a simbiose entre consumidor e mercadoria, porque o sujeito, com síndrome de pavão, se confunde com essas imagens e se transforma no empresário da sua autopromoção.

As culturas foram jantadas por essa indústria, num estilo *self service*. Cada prato com aparências que concorrem entre si – elas são classificadas por valores aparentes. Não queremos apenas nosso bem estar, queremos o mal estar do outro lobo – aqui nos disfarçamos de lobo para exercer o seu poderio. E, como Zaratustra falou, nunca chegaremos ao Super-homem pela vingança.

O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminho; perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

O que é de grande valor no homem é ele ser uma parte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento.

Eu só amo aquilo que sabem viver como se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um lado para o outro.²⁹

Somos agora mercadorias nos mercados, com planejamentos de marketing que nos tornam competitivos. Somos pequenos soldados na guerra silenciosa da indústria da inconsciência. Fomos aí flagrados na nossa intimidade, no nosso tempo livre, destinados a ganhar tempo no futuro. Expostos em consignação, porque nossa nação não se responsabiliza por nós. Desejamos ser consumidos com nosso doce olhar de filhote de lobo nas vitrines das lojas de animais. Nossa falta é o combustível do espetáculo.

Somos ao mesmo tempo pequenos projetos sociais em curso, lutando paradoxalmente contra a falsa história e com a ambição de nos anexarmos ao global, aproveitando o fluxo para fundar e reivindicar nosso pequeno grupo dentro do Estado. Mas, como disse Sloterdijk, “o Estado se tornou um castelo de areia, o absenteísmo se infiltra em todas as estruturas aparentemente sólidas, os ligamentos sociais se estendem no vazio”³⁰. São essas as resistências que ancoram o barco, que modificam vagarosamente o rumo da história. Estamos

²⁸ DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 5ª. Ed., 2009. p. 52-53.

²⁹ NIETSCHE, op. cit., p. 27.

³⁰ SLOTERDIJK, op. cit., 2000. p. 69.

circulando, mas conectados política, econômica e ideologicamente às nossas antigas nações que, mesmo não dando conta dessa diluição, ainda estão ao lado quando o efeito passa. Ironicamente, as leis estão ainda aqui e acolá quando não pagamos nossos impostos, a nossa conexão, ou quando aplicamos nosso capital na nossa pátria-mãe.

O vírus do capitalismo internalizado está alojado na alma e se transforma a cada vez que uma nova vacina surge. Os ruídos das máquinas só são percebidos quando as desligamos. A vontade de potência prevalece. Fora do tempo livre, do tempo do consumo, estamos sempre endividados, como disse Deleuze³¹, planejando como gastar nosso capital para financiar o desfrute de um luxo exibicionista mercadológico. No mundo transnacional, o capital parece não ser problema. Pagaremos em parcelas, no cartão internacional, a libertina satisfação dos desejos de hoje, porque ele nos empresta tudo com juros baixos.

O capitalismo em sua derivação voraz e predatória foi o instrumento que arruinou a natureza e que começa a contaminar a nossa subjetividade. Não precisamos apenas de políticas de sociedade porque essas reinventariam apenas novas condições sociais. Precisamos sim, como defendido por Peter Pelbart, de políticas de subjetividade³². Essa seria a única forma de reinventar o sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTHUSSER, Louis. *Análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1967.

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Portugal: Teorema, 2004.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: o suicida da sociedade*. São Paulo: José Olimpo, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. São Paulo: Record, 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 5^a. Ed., 2009.

³¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 2003. 232 p.

³² PELBART, Peter. *A vertigem por um fio*. São Paulo: Iluminuras, 1^a. Ed., 2000. 222 p.

DELEUZE, Gilles. *Conversações 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.

GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel: as concepções do estado em Marx, Engels, Lenin e Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 15 ed., 1998.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Editora, 2003.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

JEUDY, Henry Pierre. *A ironia da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MARIA RILKE, Rainer. *Elegias de Duíno*. São Paulo: Globo, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin-Claret, 2000.

PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulim, 1999.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PROKOP, Dieter. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

ROCHA, Rose Melo. “A cartola da mídia: sacando imagens, materializando magias”. In: _____. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 24, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. São Paulo: Estação liberdade, 1999.